



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 23 de Dezembro de 1995 • Ano LII — N.º 1351 — Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Natal

O PROFETA ISAÍAS, voz constante no Advento que é toda a vida do homem sobre a Terra, anuncia a harmonia cósmica, a Paz universal para os tempos messiânicos.

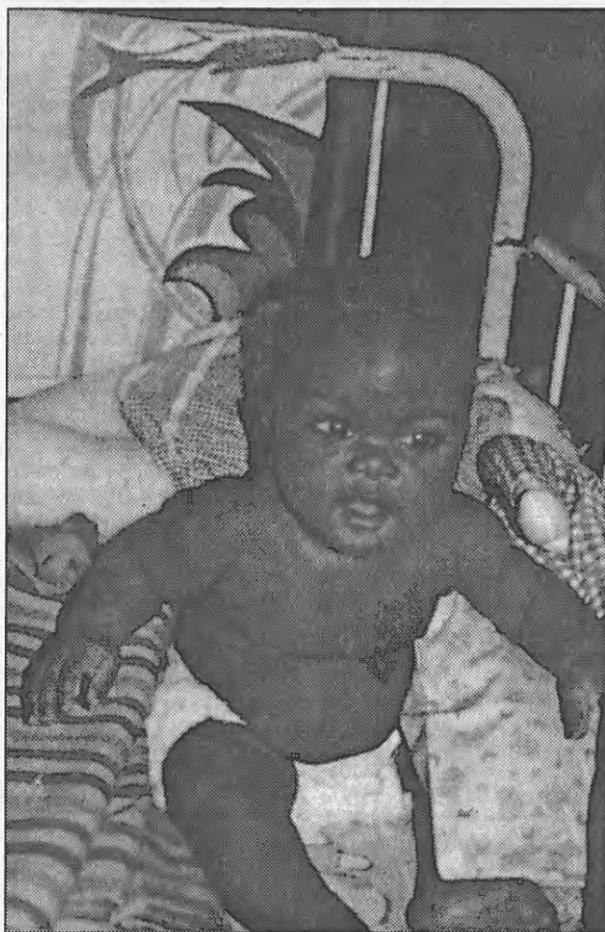
A mensagem profética não se esgota no *Tempo*. A realidade que anuncia será, mesmo, consumada em plenitude na *Eternidade*. Mas haveria de começar a perceber-se desde a vinda de Jesus a inaugurar «os últimos tempos», como acontecimento em evolução proporcionada ao conhecimento e domínio dos homens sobre a Criação, que experimentam incessante progresso. Quero dizer: «A Justiça e a Paz» proclamadas pelo Salmista que «nasceram para sempre nos dias do Senhor», deveriam ser cada vez mais sensíveis no seio da Humanidade como realidades vivas, crescentes: «Florescerá a justiça nos Seus dias e uma grande paz até ao fim dos tempos. Dominará de mar a mar, do grande Rio até aos confins da Terra».

Dois mil anos de História registam a frustração desta notícia feliz. A Justiça e a Paz continuam ansiosamente desejadas, mas o Homem ainda não logrou realizá-las com a universalidade e a permanência anunciadas pela Palavra profética. E depois desta vem a Palavra evangélica que é a Boa Nova. E nem assim! Injustiças e guerras ensangentam a face da Terra até aos confins dela em todas as gerações.

Falhou a Palavra?... ou ainda não foi recebida?!

Naquele tempo João principia o seu Evangelho justamente com este lamento: «O Verbo era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todo o homem iluminava. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, mas o mundo não O conheceu. Veio ao que era Seu e os Seus não O receberam». Dois mil anos depois a queixa parece pertinente. «Mas a todos os que O receberam, aos que crêem nEle, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de

Continua na página 4



Lucas Américo, o menino Jesus da Casa do Gaiato de Moçambique.

SETÚBAL

O nosso menino Jesus continua a ser o Miguel Ângelo

O NATAL está aí, lindo e único, esplendoroso; real e trágico como na gruta de Belém há dois mil anos!

O nosso menino Jesus continua a ser o Miguel Ângelo; rico de humanidade, resplandescendo de inocência, inteiramente comunicativo, engraçado em plenitude, equilibradamente desenvolvido. Afectivamente compensado e compensador é envolvido e envolve de forma admirável toda a Comunidade! Uma verdadeira imagem do Menino Deus que é de todos e a todos Se dá.

Durante todo o ano encontramos presépios de tragédia e deles retiramos os dolentes meninos que amorosamente acolhemos. Marcados pelo total abandono, o Zézinho e os seus irmãos têm recuperado fisicamente bastante, mas psíquica e intelectualmente manifestam bem o desprezo da cidade! Cobertos de vermes e sujidade, de carnes lívidas e olhos encovados, lembravam mais o Gólgota que a Gruta.

O nosso Natal é uma contradição. Sem ele nada teríamos, nem para comer nem para agasalhar nem para crescer. Com ele basta-nos o suficiente e, em roupas de vestir, mais que isso, por vezes nem sabemos que destino lhes dar.

O Natal traz-nos à alma as dores e os sofrimentos dos mais pequeninos, em padecimentos constantes, provocadores de contínua amargura que nos vai matando e exhibe o carinho, o conforto e a ajuda de tantos que conosco comungam a Obra da Rua.

Padre Acílio

BENGUELA

Onde houver uma criança miserável deve estar um coração a aquecê-la

É NATAL! O Filho de Deus nasce «duma mulher» (cf. Gal. 4,4). Deus Pai entra directamente na história de cada um de nós ao dar-nos o Seu próprio Filho único como Salvador e Redentor. Natal é isto: um *mistério de Amor*. Quem dera que todos nos sentíssemos associados a este

mistério! Quem dera que, ao celebrarmos «o Filho que nos foi dado» no Natal, víssemos nEle todos os filhos que já experimentaram a Bondade revelada no mistério e, também, aqueles que não sabem o que é Natal. Eles são multidão. Cada um de nós, no seu posto, é um enviado a anunciar a Bondade de Deus estam-

pada no «Menino que nasceu para nós» todos que somos a Humanidade. No Natal, a medida do coração é só uma: onde estiver um menino aí deve estar o coração; onde o menino mais pobre, miserável até, aí deve estar o coração a aquecê-lo com toda a ternura. Estou a falar em meninos porque, nesta quadra, são mais presença da Humanidade.

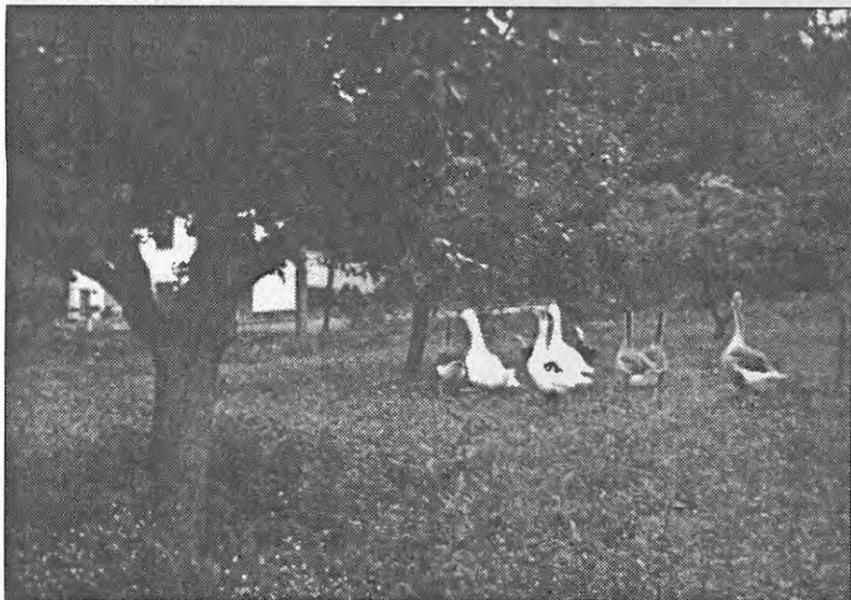
Situações traumáticas

Agora, falo das crianças desta terra. Bem queria que o Natal fosse festa para todas. Mas não! Não será! Os adultos é que têm a culpa. Elas são vítimas inocentes da maldade dos adultos. É verdade! Desconhecem a Bondade de Deus revelada no Natal, porque a Bondade não está no coração dos adultos. Eu estou lá metido, também, porque não sou como devia sê-lo. O egoísmo mata o coração das pessoas.

Quase todas as crianças desta terra são portadoras de situações traumáticas. Noventa e um por cento delas não estão bem. Mais do que estas estiveram expostas à troca de tiros. Outras tantas sentiram os bombardeamentos. Uma grande percentagem viu pessoas mortas na guerra, à volta de noventa e um por cento. Mais grave ainda é o número de crianças que

Continua na página 4

Nas horas de lazer, os gansos ocupam a curiosidade dos visitantes e da nossa Comunidade de Paço de Sousa.



Conferência de Paço de Sousa

NATAL — Aqui está: o pai do doente (seropositivo) tem características muito próprias. Agora, cada vez mais aflito..., sabe Deus quanto lhe custa demonstrar, com discrição, a necessidade de ser ajudado: viagens ao Porto; receitas médicas; subsistência material d'ambos. É pai. Como no caso vertente, os pais não abandonam os filhos.

— *Ele ainda não recebeu o subsídio...*

Já sabíamos pela assistente social, senhora mexida cuja área de actuação lhe enche o dia, não aquecendo a cadeira do gabinete. Tudo leva a supor que o atraso seja motivado, a nível nacional, pelos jogos de Orçamento, no Terreiro do Paço e em S. Bento.

— *'tá a ver: ele cada vez gasta mais! Só a minha pensão não chega p'ra tudo. Não chega p'ra quase nada...*

Ajudámos o pobre homem, escrupuloso, que adianta: — *Depois, eu devolvo o que me deram.*

Consciência recta. Sentido nato de promoção social. Evidentemente, tornámos a recomendar que não aceitaremos qualquer devolução. Tudo será preciso, no próximo futuro, para se manter vivo aquele pobre corpo a caminho do Fim. O nosso Amigo sossegou. Então, deu graças a Deus — pois é um homem de fé.

PARTILHA — Sete mil, do assinante 11171, com um grande abraço que retribuimos na mesmíssima proporção. Mais três, para «a casa da viúva». Cheque, da assinante 35193, de Vila Nova de Gaia, destinado «à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para ser aplicado onde for mais necessário».

Agora, Hermínia, de Faro, manda o que «sobra da assinatura d'O GAIATO. Peço desculpa de ser tão pouco, mas tenho sempre muitas migalhas para repartir». É doce fazer o Bem!

Serra da Estrela, cidade da Covilhã: «Uma lembrança para dar a minha pequena (grande!) ajuda a tantos que precisam. Se algum Pobre me lembrar nas suas orações, fico muito agradecida». Temos quem faça da sua vida difícil uma Oração. Substantivada.

Seis mil, do assinante 42971, com os votos de sempre. Assinante 13329, do Porto, dez mil e considera-se «muito grata pelo Bem que recebo na leitura d'O GAIATO». Maior a responsabilidade de quem escreve.

Óbolo mensal, do assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia): «Neste mês das Almas peço uma Oração por todos os familiares». O costume, da «Avó dos cinco netinhos», Setúbal. Remessa habitual da assinante 31104, Lisboa: «Que a paz de Deus cubra a todos e aceite a minha intenção: dar aos Pobres em memória dos que 'perdi'». Estão em bom Lugar. Deus é sumamente Misericordioso.

Um cheque da assinante 60788, da Rua do Cunha, Porto, «para o aplicarem onde as necessidades forem maiores. Se puder ajudar a cobrir alguma casa...» Assim aconteceu!

Outro remanescente, da assinante 22030, do Porto. Um

Pelas CASAS DO GAIATO

donativo do assinante 32986, também do Porto, com a amizade de sempre. Mais outro, ainda, do assinante 27177, da Capital, «para que os Pobres possam ter, na consoada, alguns mimos».

Retribuímos os votos de santo Natal. E, em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CIRCO — No dia 8 de Dezembro o *Jornal de Notícias* ofereceu-nos um convite para um espectáculo de circo. Fomos 100 gaiatos. Só ficaram os mais velhos. Foi muito bonito! Gostámos muito. Até da reportagem que o *JN* publicou no sábado seguinte.

AVIÕES — Fomos também convidados para uma pequena viagem nos aviões da Portugal. Um baptismo de voo que todos encantou. Então a paisagem que a gente vê lá de cima! Obrigado.

NATAL — O Natal não tarda a chegar. Muitas pessoas já mandaram ofertas para a nossa festa: brinquedos, roupas, etc. Vamos procurar viver esse dia da melhor forma.

PRESEPIO — Há já presépios na nossa Aldeia. O primeiro, feito na casa 4 de cima pelo Tavares e pelo Sérgio Paulo (chefes).

Os miúdos estão muito contentes.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

FUTEBOL — O desporto-rei em nossas Casas. Estamos em boa forma, mas, por azar, não temos adversários para jogar. É pena. No entanto, treinamos muito para estarmos preparados para, a qualquer momento, realizarmos um jogo. Acreditamos que, no futuro, teremos mais sorte.

Se alguma equipa, ou um amigo que conheça um grupo de futebol, deseje disputar um jogo, comuniquem para: *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel*; ou, então, telefonem para o (055) 752285 e chamem pelo «Amarante».

Vitinho

MIRANDA DO CORVO

GADO — A vitela continua a crescer e os leitões também.

As galinhas põem menos ovos e as vacas só dão leite para o pequeno-almoço.

FESTA — Já começaram a ensaiar para a nossa Festa em Coimbra. Será um elenco de trinta rapazes. Todos ansiosos para verem como será o programa...

OFERTA — Alguns Amigos vieram com duas carrinhas cheias de brinquedos e comida.

Muitas coisas de que gostamos e fazem muito jeito!

ESCOLA — Agora é na antiga tipografia porque o edifício está em obras. Tudo corre como eles queriam. Há boas e más notas. Mas, às vezes, descuidam-se e começam a fazer barulho e, claro, a professora ralha com eles.

LAR DE COIMBRA — No Colégio de São Pedro as aulas terminam no dia 15 de Dezembro. As notas não são como desejávamos... e alguns estudantes querem férias.

OBRAS — O campo e a rua ao pé das obras estão enlameados. O jardim continua em acabamento.

João «Pequeno»

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

Não queremos deixar passar esta quadra festiva sem comunicar convosco.

Depois do nosso Encontro Anual em Miranda do Corvo organizámos a viagem que nos levou à cerimónia de encerramento do Processo de Beatificação de Pai Américo. Sentimos uma grande alegria vendo a Sé do Porto apinhada de Amigos e ouvindo os maiores elogios à sua pessoa e Obra. A Deus pedimos que a todos nos abençoe pelos abundantes méritos do querido Pai Américo. Sejam seus seguidores, particularmente nesta época de maior apelo e predisposição à Fraternidade e partilha.

O convívio na Senhora da Piedade de Tábuas foi muito agradável. Valeu bem a deslocação pelo ar puro que respirámos, a tranquilidade e espiritualidade do lugar, a tarde desportiva, a sã convivência, a merenda partilhada e o leiloar das ofertas para aquisição de fundos. Aos mais generosos, bem como à Comissão de Festas da Senhora da Piedade, expressamos a nossa gratidão.

Desejamos a todos os asso-

ciados e leitores uma quadra natalícia plena de sentido dos Outros, de paz familiar e comunitária.

Que os sentimentos natalícios renasçam e permaneçam em nós ao longo de todo o ano.

José Martins

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Natal é todos os dias, mas nesta quadra vivemo-lo e sentimos-lo de maneira diferente.

Redescobrimos que o nosso coração não é tão duro como julgávamos e estamos mais perto da família de Nazaré. Não devemos ser insensíveis, mas procuremos libertar-nos daquilo que nos vai torturando. Todos temos direito a viver em paz, harmonia e amor.

Queríamos que este Natal fosse diferente para os dois irmãos de Gaia, já na sua casinha de paredes de tijolo em vez de bocados de tábuas e cartões. O arranque foi difícil, pois havia sempre alguém que tudo dificultava. Se não fosse um amigo que também sofre com

os problemas dos mais necessitados, por vezes humilhado não escondeu a cara e neste Natal toda a ilha ficou com casas de banho, água quente e fria. Falta a ligação dos esgotos e os dois irmãos já têm as paredes ao alto à espera do bom tempo.

Este ano não temos a festa do Natal para os Pobres no Lar do Porto. Não há pé de meia. Só temos aquilo que os amigos nos mandam.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 24729, 10.000\$00. «Leio sempre com muita atenção a vossa rubrica e sofro a miséria e o sofrimento que tantos irmãos passam nesta vida».

M. M., 10.000\$00, por vale do correio. Assinante 9708, 10.000\$00 «para o que for necessário». Anónimo, 1.000\$00 e roupa.

Amigo, da Alemanha, 200 marcos. Da Rua da Galiza, 10.000\$00. Dez mil, de C. G. Coelho.

Assinante 26092: «Junto 2.000\$00 pedindo ao Senhor que vos ajude para assim ajudarem os que precisam». Anónima, 5.000\$00 para serem repartidos pelas duas senhoras cancerosas. Outra anónima, 10.000\$00, também para estas.

J. R. D., 4.000\$00. Setúbal, 10.000\$00 «para minimizarem alguma necessidade em favor do Próximo mais necessitado». Assinante 58452, 5.000\$00. Do Porto, em vale do correio, 2.000\$00 referentes ao último trimestre deste ano.

M. Fernanda, do Porto, para cancerosas, 5.000\$00.

Bem hajam pela ajuda que dão aos Pobres. Feliz Natal para todos.

Adelaide e Zé Alves

BENGUELA

CAMINHADA DOS RAPAZES — Somos cerca de 140 membros nesta Comunidade. Não se trata de uma simples caminhada com «meia dúzia» de indivíduos, que seria certamente muito mais fácil.

Estamos perante um caminho longo, repleto de caminhantes. Todos eles são muito diferentes uns dos outros. Cada um diria: «um poço de mistério». Tantos rapazes com idades diferentes, alegres, por vezes tristes, sábios ou menos sábios, com personalidades únicas... Muita diversidade!

É uma tarefa minuciosa tentar conhecer cada um — como ele é mesmo. Mas vai dando um sabor de esforço, entrega, amor; e, claro, sabor a Família em formação e crescimento humano, moral e espiritual.

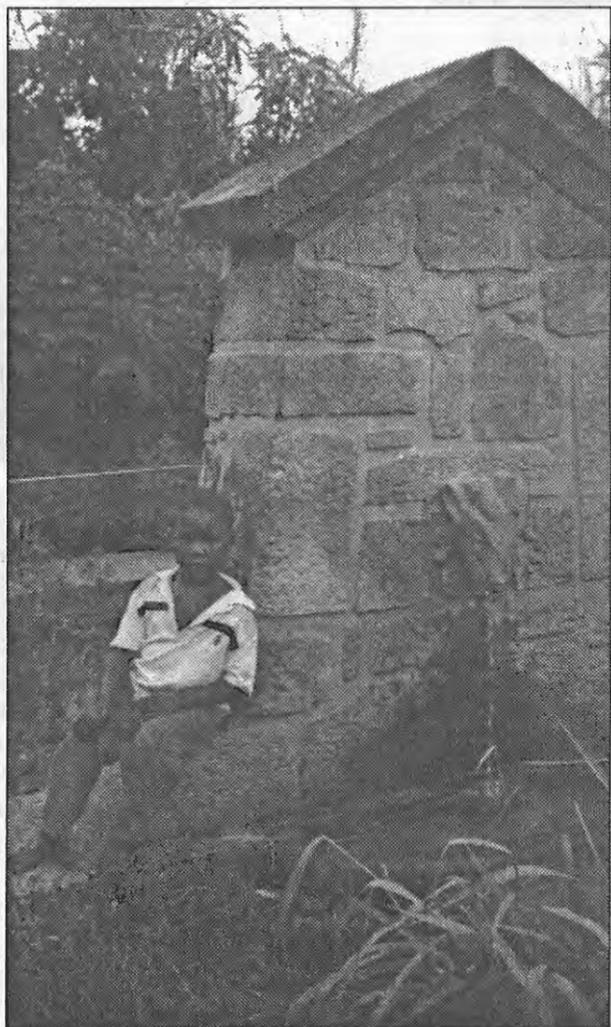
Gostaria de descrever de uma forma sintética a vida do quotidiano que encontrei e na qual me estou a inserir. Estamos no período das férias grandes, que começaram mais tarde devido à greve dos professores.

Como em qualquer Casa do Gaiato, existem os diversos grupos de trabalho, seleccionados por idades. Os *Batatas* encarregam-se de «limpar o rosto» da nossa Casa. Os maiorzitos participam nas diversas obrigações domésticas. Outros, nas oficinas — com dificuldades de trabalho por falta de matéria-prima. Dias melhores virão e poderemos formar carpinteiros e seralheiros, quem sabe até electricistas. Outro grupo, designado pelo «sacho», o mais numeroso, são os rapazes mais velhos e fortes. Encarregam-se de capinar, preparar as sementeiras, estrumar e mais coisas ligadas ao campo.

Tudo isto faz parte da caminhada. Contudo, tenho verificado que nem tudo corre conforme desejaríamos. Noto, um pouco, a falta de hábitos de trabalho, a interiorização de estar a realizar um bem para si e para a comunidade — sua família. Aqui está um ponto forte da nossa caminhada: formação em todos os sentidos, sem precipitações. Com muito amor e também com muita paciência. Deus nos ajude.

Todos os rapazes manifestaram interesse de se realizar uma festa dos aprovados na escola (até mesmo os poucos que reprovaram). Foram feitos muitos ensaios, coisas novas e outras já conhecidas: teatro, música, poesia, e muita dança, natural nos africanos. Fomos realizá-la na praia da Restinga, no Lobito.

Estamos a pensar fazer uma pequena festa de Natal. Para isso é necessário organizá-la com muitos participantes. Estão já todos ansiosos. Pois eles são capazes.



A fonte da nossa Aldeia de Malanje

Carlos Roda

TRIBUNA DE COIMBRA

Procuraremos mais uma vez entrar no mistério do Natal

DIZER do Natal é difícil, quando confrontados com a inflação das palavras e dos desejos. Mais razoável seria o silêncio. Talvez as palavras significassem mais... De facto, a vivência do Natal coloca-nos sempre diante de um mistério imenso que as palavras inadequadamente exprimem ou até distorcem, quando convertidas em certas mensagens.

A matriz da festa é cristã, para nós, decididamente convertidos à Nova Luz. A Esta devemos voltar para refazer no coração e na vida o que o hábito transforma facilmente em rotina.

O silêncio, a noite e a luz são algo de indissociável no Natal. As pessoas que se movimentam no mistério, que o revelam e o procuram: Deus e o Homem. Da parte de Deus uma

imensa vontade de proximidade e comunhão, mesmo supondo a recusa. Da parte do Homem o desejo de tocar o mistério, o deslumbramento e a alegria por Essa presença Omnipotente e simultaneamente frágil e vulnerável, realmente. O Homem não está só, sente-se acompanhado. É a Luz!

O silêncio e a noite passaram a ter significado, tanto diante da expectativa como do sofrimento. São a ante-câmara de uma imensa luz.

No silêncio da noite Maria aceitou ser Mãe no seio de uma virgindade totalmente fecundada pela Luz de Deus e, José, esposo da Virgem, não duvidou.

Calados, vão a Belém; e, como quem leva o tesouro escondido, enfrentam o desconforto de uma viagem cheia de riscos.

Na calada da noite, «néscios» pastores enfrentam a proximidade do mistério e, num hino

de alegria incontida, fazem ressoar na planície os acordes do Templo.

Calados, descem os Magos despojados de todo o saber, usurpando aos distintos Judaicos o exclusivo saber de Deus e do Homem.

Calados e mudos ficamos diante de alguém que muito amamos, mergulhado em sofrimento ou desilusão, temerosos de que alguma palavra se torne seta de morte.

Calados e mudos, que não temidos ou acovardados. É um silêncio fecundo que brota de uma decisão livre e profunda em oferecer a cara à vida e a mão ao Outro, solidariamente.

Silêncio e noite que contrastam bem com tanto ruído e agitação, que não com uma sã alegria e convivência. Procuraremos mais uma vez e por mais um Natal entrar também no mistério. Não andaremos arredados da Luz.

Padre João

ENCONTROS em Lisboa

*Vinde, Senhor: a Igreja Vos espera,
Sol de Justiça, eterna primavera
Vinde, Senhor: a terra Vos procura,
Vós sois a Luz de toda a criatura.*

ESTES versos fazem parte de um hino da Liturgia das horas, no tempo do Advento. Foi escolhido ao acaso, porque todos os hinos deste tempo nos convidam à esperança. Vêm de encontro ao nosso ser humano para quem a sabedoria do nosso povo diz que «a esperança é a última coisa a morrer». A esperança é sempre um pequeno grande fogo que anima a vida, lhe dá impulso, nos faz mover e continuar a viver. Durante mais de quatro mil anos, por entre as luzes e as trevas do caminhar humano do Povo de Deus, segundo nos nararam as Escrituras, muitas esperanças se foram alimentando na grande esperança de ver o Salvador. Quase dois mil anos estão a passar desde o acontecimento que no mundo cristão se chama nascimento do Salvador. Continuamos a viver da esperança: esperança de paz, de fraternidade, de amor, de solidariedade, de justiça, de perdão, de dignidade, de escrevermos todo o homem e toda a humanidade com letra maiúscula...

Toda essa esperança nos foi revelada no nascimento de uma criança: um Deus-Menino. Misté-

rio do amor divino e proposta amorosa a todo o homem de boa vontade.

Melhorou

o nosso mundo depois do Natal de há dois mil anos?

Ao vivermos hoje o Natal, podemos sentir-nos diante de uma pergunta: — Melhorou o nosso mundo depois do Natal de há dois mil anos? A resposta é contraditória: — Melhoraram as condições de vida, melhorou a sensibilidade a muitos problemas de direitos e deveres humanos, mas, acentuaram-se também as assimetrias entre os diferentes grupos humanos e, estou certo, que também aumentou o sofrimento de enormes multidões de homens, mulheres e crianças. Basta pensar em todos os deslocados, as vítimas das mortíferas guerras fratricidas no interior de países, a fome e o desenvolvimento de epidemias em muitas áreas da nossa Terra, bem como a falta de cuidados mínimos de prevenção face à doença. Para não ficarmos com problemas muito distantes, olhemos de perto o que se passa entre nós com os leques salariais, o lugar dado à deficiência, as respostas do sistema educativo face às dificuldades diversificadas dos utentes, o lugar dos reformados, desem-

pregados e o apoio feito aos doentes sociais...

A esperança não pode ficar só a olhar para a frente, mas tem que ter os pés bem assentes na terra. A esperança desenvolve-se em acção. Ficar quieto à espera não é ser pessoa de esperança. Talvez por isso, Deus quis fazer-se esperança dos homens apresentando-se no meio de nós como criança. Podemos olhar para uma criança com um olhar cheio de esperança, mas, se entretendo não dermos a mão, aquela criança não se poderá desenvolver, e todas as esperanças sonhadas acabam por ser uma quimera. Face aos problemas humanos acontece a mesma coisa. Podemos sonhar com mundos de mil sóis, mas se não fizermos algo, nunca haverá esses sóis sonhados.

Cada geração

tem que aprender a viver caminhos de esperança

Cada geração tem que aprender a viver caminhos de esperança. Na situação em que vivo posso testemunhar quanto é importante explicar a cada um que vai crescendo que tem que ser ele a encontrar os caminhos. Não pode ficar pendurado, à espera, ou a dizer mal de todos os que nos precederam.

Natal, festa do Menino-Deus. Ele abre os caminhos e estende-nos a mão para que o nosso coração não fique fechado. Dá-nos a oportunidade de nos realizarmos como pessoas abrindo os nossos caminhos à esperança.

Padre Manuel Cristóvão

Nasceu em Belém

N. da R. — Mesmo com redundâncias, ou aparentes repetições de texto, seria curioso publicar todas as pequeninas notas sobre o Natal, de vinte e tal gaiatos, que, ontem, deixaram os *guetos* e foram entretanto acolhidos neste Presépio que Jesus de Nazaré inspirou a Pai Américo: as Casas do Gaiato.

Um, afirma que «Jesus deu a Sua vida pelos pecadores». Outro: «Alguns não temos família porque os pais morreram, não nos podiam ter junto deles, ou abandonaram-nos. Por isso estamos aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa». Outro, ainda, acentua: «Eu gosto muito do Natal...!, porque é tempo de amor e de paz. É o tempo da Família».

Que bem!

PEDRO MIGUEL

A palavra Natal quer dizer o nascimento de Jesus. Para mim, todos os dias são Natal, porque Jesus deu a Sua vida pelos pecadores.

A consoada comemos bacalhau, batatas cozidas, horta- liça da nossa horta e muitos bolos especiais, entre eles o bolo-rei.

Depois, é a Missa do Galo e a entrega das prendas à Comunidade.

«PINTINHAS»

Para nós, o Natal é a comemoração do nascimento de Jesus. É o tempo da Família. Alguns não temos família porque os pais morreram, não nos podiam ter junto deles ou abandonaram-nos. Por isso estamos aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Após o jantar com batatas cozidas, bacalhau e horta- liça, sobremesa com aletria, rabanadas, arroz doce, uvas passas, etc., vamos brincar no salão. Então, recebemos os presentes oferecidos pelos nossos Amigos.

No fim, participamos na Missa do Galo.

HUGO ANDRÉ

Jesus, filho de Deus, nasceu por Maria na presença de S. José, há 1995 anos, numa gruta em Belém. Veio para nos salvar do pecado e abrir-nos mais o caminho para o Céu.

Eu gosto muito, muito, do Natal...!, porque é tempo de amor e de paz. É o tempo da Família.

Cantinho das Senhoras

É Natal! O presente que eu peço ao Menino Jesus: que envie mães para os filhos que as esperam nas Casas do Gaiato.

Para as que já estão, peço que as encha de amor, alegria e Esperança. É difícil ser boa mãe. Oh se é! Um passo à frente e dois atrás. O que importa é saber que, através do nosso nada, o Senhor vai deixando passar um fiozinho de Luz.

A vida numa Casa do Gaiato, com as múltiplas alegrias e sofrimentos (pequenos ou grandes), vai fazendo um lindo ramo de flores variadas com seus espinhos que queremos depor no Presépio.

Neste Natal haja paz, amor e gratidão ao Senhor da vida, no coração de todas as mães.

Teresa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Realização dum sonho

MUITO ofegante subiu toda a escada. Pediu a nossa atenção e entrega a carta que trazia do pároco da freguesia. Era a pedir a nossa ajuda para aquele homem acabar a casa que começou já há anos.

Ele contou:

É casado e tem dois filhos pequenos. Só ele ganha e ganha pouco. É empregado numa casa que fornece produtos alimentares. A casa onde trabalha é longe. Onde vive, também é longe da estação, na qual apanha o comboio. Deste, até onde trabalha, outra distância grande.

O homem tem de percorrer todo este trajecto nos dias úteis, para cumprir as horas de trabalho obrigatórias. Quando ainda sente forças ocupa-se nas obras de sua casa. Mas, vê a coragem a faltar e teme não realizar esse sonho: a casa nova.

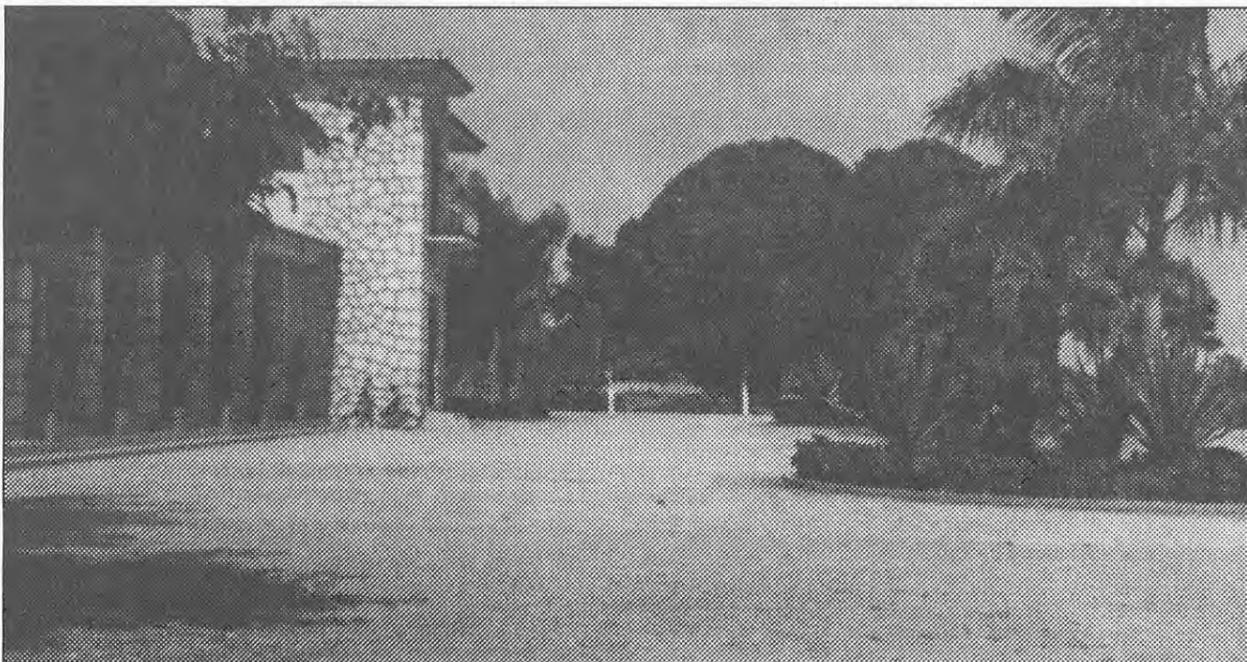
Sabemos que há muitos como este. Começaram e vêem-se aflitos para acabar. E quantos desanimam?... Nós todos podemos distrair-nos não dando a mão a tempo...

Mais outro

«Sou aquela a quem o senhor ajudou a fazer um quarto e uma casa de banho e deu também uma pequena ajuda para a cozinha. Eu precisava tanto que ajudasse a acabar a cozinha! Era o que eu mais queria! Tenho pena dos meus filhos que andam sempre constipados porque, além, é muito longe onde faço a comida. Tenho rezado muito para que o senhor possa ajudar toda a gente que precisa.»

Conhecemos a situação. Já lá estivemos três vezes. Esta mãe tem razão. É mãe consciente. Ela necessita da nossa ajuda. A Obra da Rua quer ajudar a todos. Mas nós só podemos ajudar se tivermos com quê. Este com quê é com os Leitores. Ela reza e espera. Espera e confia na resposta.

Padre Horácio



BENGUELA

Casa do Gaiato de Benguela

Onde houver uma criança miserável deve estar um coração a aquecê-la

Continuação da página 1

viram as pessoas a serem mortas. Outras, ainda, participaram em combates e dispararam contra alguém. Quase todas as crianças viram feridos na guerra e foram vítimas das explosões de minas. Vinte e sete por cento perderam os pais. Das que escaparam, foi e é grande o número das que sofreram e sofrem maus tratos. É um quadro muito sombrio para tempo de Festa como o Natal. Mas é verdade! E é sobre a verdade que devemos querer construir a nossa vida e a dos vossos filhos. Falai-lhes deste quadro, para que os seus corações se abram à Bondade do mistério do Natal.

Reconstruir é a palavra de ordem

Eis a razão por que quase todas as crianças de Angola não estão bem. Depois de passados os acontecimentos, elas reexperimentam-nos, por largo tempo, ao longo de suas vidas: Pelo pensamento, pelo medo e insegurança, pelas doenças psico-somáticas, pelas dificuldades de distúrbios durante o sono, pela ausência de qualquer projecto de vida para o

futuro. Esta reflexão é feita a partir dum trabalho simples, de uma organização não governamental. Sentimos, também, esta realidade em muitos dos nossos rapazes. Faz-nos bem este conhecimento e a toda a gente para que se viva o drama de tantas e tantas crianças!

Que fazer então? Reconstruir. Esta é a palavra de ordem. Só com dinheiro? Não! Como fico triste, quando oiço falar duma só razão para se reconstruir este País: o dinheiro! Mas ele há tanto dinheiro em Angola! O problema a resolver, em primeiro lugar, é de pessoas. Se não houver pessoas convertidas ao espírito de serviço e do Bem Comum, que é o nosso Povo, não haverá dinheiro que chegue para libertá-lo. Com muito amor, e dinheiro também, é possível salvar as crianças de Angola. Procuramos curar as que temos conosco dos traumas da guerra. Estendemos a nossa acção até onde é possível, para que os efeitos nocivos dessa calamidade sejam neutralizados a tempo e horas.

A nível dos chamados valores morais, só a mobilização de todas as forças, como a perseverança, a paciência, o testemunho de vida, etc., é capaz de mudar o rumo das vidas destas crianças. Elas viram e vêem

os adultos a matar os outros. Começam a pensar que é aceite tirar a vida. Que matar é forma de resolver problemas. A violência entra no esquema das suas vidas.

O grave problema dos deslocados

Os deslocados vivem em situação humilhante. As crianças sofrem o efeito dessa situação. A formação da personalidade é afectada. O seu futuro fica comprometido.

O nível escolar anda por baixo. As experiências por que passaram estão tão vivas que roubam a concentração. A educação para a paz tem que fazer parte do ambiente em que elas vivem.

Tudo isto dá que pensar! Aos adultos cabe a iniciativa. As crianças aderem de acordo com os modelos que se lhes apresentam. Que responsabilidade!

É Natal! O Menino conhece a situação destes e de todos os meninos. A medida da intensidade com que estes problemas são vividos é a medida do nosso compromisso cristão na celebração da festa do Natal.

Natal cheio de Paz para todos!

Padre Manuel António

Natal

Continuação da página 1

Deus.» E a História também regista em todos os seus momentos, estes espaços do

PENSAMENTO

Faz-te cego para que Deus seja o teu guia mais a tua luz.

PAI AMÉRICO

Reino de Justiça e de Paz onde estão «os que O receberam e nEle crêem» e O amam e O reconhecem «habitando entre eles».

Não, não é a Palavra que falha. Não é a Boa Nova que nos foge. Os homens, sim, é que lhe fogem. Por isso o Natal, em vez de tempo cor-de-rosa, de alegria sem raízes, de futilidades, deve ser ocasião para se reflectir a Verdade e nos responsabilizarmos: «Arre-

pendei-vos, pois está perto o Reino de Deus»... «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas»... «Estai firmes e irrepreensíveis para o dia de Cristo»...

E como haveremos de estar?, «que havemos nós de fazer?»

É Lucas quem nos faz chegar a resposta de João Baptista: «Quem tem duas túnicas reparta com aquele que não tem. E quem tem

mantimentos, proceda da mesma forma»...

«Não exijais nada além do que vos está fixado»... «Não useis de violência com ninguém nem denunciéis injustamente; e contentai-vos com o vosso soldo.»

Assim deixará o homem de sabotar a eficácia da Palavra e, qual outro Percussor, anunciará ao mundo a Boa Nova.

Padre Carlos

DOCTRINA



... vivendo de braço
dado mais Ela...

SÃO muito horas de eu ir também colocar o cântaro à bica do Natal, na tua fonte. Oh não queiras ser fonte sem água, nem sujes a que o povo bebe! Digo também, por saber que outros têm feito na mesma, confiantes como eu. Mesmo que chegue atrasado e fique muito no fim, não importa; se me deres vez no teu coração, num instante sou o primeiro. Não respeito ordem nem tempo.

NA semana que passou, fui pessoalmente à Capital do Império fazer a mesma coisa: pôr cântaros na bicha, nos sítios do costume. E com tanta sorte o fiz, que um deles logo se encheu! Uma vez que estamos com a mão na massa, quero dizer o que lá me aconteceu, para assim acreditares que o vento apanha a lenha a todos quantos no mundo servem o Próximo por amor. Foi o caso que resolvi este ano ir à Federação dos Produtores de Trigo, pedir pão. Para saber onde ficava aquele organismo, lancei mão à lista dos telefones e dirigi meus passos para a rua do Salitre; não sem antes ter hesitado se deveria ir, de preferência, à Federação das Moagens, na Avenida, segundo a mesma lista.

— Quem procura?

— Olhe, não sei bem; eu gostaria de falar a quem manda nisto.

— Suba e pergunte pelo sr. Lobo.

Subi. Não costume deslumbrar-me com sumptuosidades, mas ali pasmei. Estava dentro de um palácio soberbo onde tudo é grande, sóbrio e bem feito. Um empregado da casa, de mando do sr. Lobo, indicou-me a Direcção.

— Eu, meu senhor, venho aqui em muita confusão, guiado pela lista dos telefones, pedir trigo.

— Nós aqui não damos trigo. Damos, sim, dinheiro às regiões trigueiras. Contudo, disse, talvez se consiga alguma coisa para si.

Sem saber se pedia bem, nem ao menos com quem estava falando, venho a saber num instante que descobri the right man in the right place — o Presidente da Federação é cunhado do Dr. João Porto! Medita: Pudera ter ido pedir à Moagem, ali mesmo à mão, na Avenida; mas não. Vareei as portas, subi ao Salitre e lancei-me no desconhecido para ser atendido. Faz-te cego para que Deus seja o teu guia mai-la tua luz. Ceguinho como ia, topei um homem com afinidades nesta terra, irmão duma Mãe forte que sabe entregar filhos a Deus com amargura, mas sem desespero. Quem sabe se o grande sacrifício desta Mãe, não vai, agora no Natal, aliviar sacrifícios doutras Mães com a consoada que a Federação me der?! É difícil discernir as coisas santas, porque difíceis de compreender!

ANDO actualmente ocupado com três casos que bem desejaria fizesse teus: um caso de cancro, um de reumatismo deformante e um de meningite — uma mulher, um moço e um garoto. Nós não podemos, certamente, aliviar estas penas, mas sim podemos ajudá-las a sofrer.

O moço do reumatismo é um rapaz casado que fui topar na cama mais um filhinho, ocupando a família inteira um quarto escuro, debaixo do vão de uma escada. Um candeeiro de vidro é o sol da casa. Necessito de roupas de cama e de roupas brancas, dessas que já não usas. «Estou na cama há oito meses; veja, padre: assim...» Aquele assim devias tu mesmo ir vê-lo, que talvez poupasses mais e vivesses melhor.

O caso de meningite é o de um filho de certa mãe que tem mais três e a jorna de dez escudos, do seu marido. «Ele é lindo como o sol aceso, mas não dá fé de nada! Todos os dias o limpo e come pela minha mão.»

SENHOR, qual não será, na Eternidade, o galardão destas Mães, santas sem no saberem, a lutar todos os dias contra todos os elementos! E tu cuidas que és muito importante, só porque passeias na Baixa as tuas raposas às costas, sem te dar destas Mães desprovidas — tu, preciosa nulidade!

O. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)